

# PAULO E TESSALÔNICA: UMA RELAÇÃO DE TERNURA

Jordino Marques

Minha intenção é, aqui, refletir sobre como a comunidade de Tessalônica, tal como a podemos ver na primeira carta de Paulo, representa um modelo de comunidade neotestamentária e, ao mesmo tempo, procurar encontrar nela traços que evocam uma atitude de ternura de Paulo pela comunidade e vice-versa. Procuraremos, em um primeiro momento, rever alguns traços históricos da fundação da comunidade, para, em seguida, desenvolvermos os traços de ternura e de amor recíproco que podem ser detectados em algumas passagens de 1Ts.

Antes de qualquer consideração histórica sobre a fundação da comunidade, é preciso ressaltar a importância ímpar de 1Ts por ser este texto o primeiro não só de Paulo, como de todo o Novo Testamento. Esse fato permite, sem dúvida, afirmar que a comunidade que vai se formar em Tessalônica proporcionará contornos bem nítidos do ideal das comunidades cristãs paulinas que se desenvolveram na Grécia, duas décadas pelo menos antes da redação do primeiro evangelho.

Começemos, pois, pelas questões introdutórias que podem descortinar um horizonte de interpretação do modo de viver de uma comunidade paulina.

A cidade de Tessalônica foi fundada aproximadamente em 325 aC por Diádoco Cassandro e recebeu seu nome em homenagem à esposa do fundador, filha de Filipe da Macedônia e irmã de Alexandre.

Na Antigüidade, Tessalônica tinha um certo significado que se devia, em primeiro lugar, à sua situação geográfica por ser cortada pela Via Egnatia que atravessava o Império Romano de leste a oeste e unia Roma e Bizâncio. Isso favorecia o grande desenvolvimento portuário e o contínuo movimento de povos por Tessalônica, inclusive de judeus que conforme At 17,1 lá erigiram uma sinagoga<sup>1</sup>. Se olharmos as condições em que se realizou a evangelização da cidade, concluímos que ela se dá na chamada segunda viagem missionária de Paulo e Silas que, segundo At 16,23, foram moídos de pancadas e colocados na prisão, de onde saíram depois de acontecimentos miraculosos. É necessário que se diga que pregadores ambulantes como Paulo e Silas eram um acontecimento comum no ambiente do primeiro século. Missionários, oradores, filósofos e taumaturgos percorriam as cidades. Assim, os estóicos se intitulavam servidores de Deus e os cínicos se julgavam representantes de Deus enviados ao mundo. A narrativa de Atos dá conta de três sábados em que Paulo e Silas foram ao encontro dos judeus na sinagoga. No entanto, deve-se pensar que, se levarmos em conta que Filipos estava a 150 km de Tessalônica, os missionários devem ter permanecido lá mais tempo do que três semanas, pois Fl 4,15-16 diz da ajuda material que Paulo recebeu estando

1. FRIEDRICH, G. *Der erste Brief an die Thessalonicher*, p. 203.

em Tessalônica. Podemos perceber também que o autor de Atos insiste no fato de a pregação dos dois missionários ser feita a partir das Escrituras e que, como na narrativa dos discípulos de Emaús, Paulo demonstrava que o Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos (At 17,3 e Lc 24,26). O cerne da nova comunidade é o grupo de judeus que se deixou convencer e foi ganho por Paulo e Silas. Mas menciona-se também uma multidão de gregos piedosos, incluindo mulheres de alta posição e um grande número de homens (At 17,4). Não demorou muito para que se iniciasse a perseguição aos dois missionários e ao seu anfitrião, de nome Jasão, sob a alegação de que os primeiros introduziam Jesus como um outro rei. A passagem de Paulo e Silas por Tessalônica, segundo os Atos, termina com uma fuga noturna dos dois para Beréia (At 17,10), onde foram bem acolhidos.

A interpretação do contexto mais geral de 1Ts reenvia-nos para o modo bem determinado e diferente da atividade de Paulo e Silas em Tessalônica, que pode ser deduzido do fato de Paulo ter trabalhado dia e noite para não ser dependente da comunidade como aparece também em 2Ts 3,7-9. Tal passagem aponta para um certo confronto com as atividades dos filósofos ambulantes, principalmente dos cínicos que, embora se vangloriassem de passar a verduras e água, viviam na dependência de seus anfitriões<sup>2</sup>. Além disso, há na carta uma insistência sobre a aflição e o sofrimento com que os tessalonicenses receberam a palavra (1,6; 2,14). Com isso, eles se tornam imitadores de Paulo e de Jesus. Há pois uma comunidade de destino que une Paulo, Jesus e os tessalonicenses, que se expressa no sofrimento. O texto dá a entender que a perseguição tinha se iniciado logo depois da conversão e isso se pode testemunhar na perseguição dos judeus a Paulo e Silas e ao seu anfitrião Jasão.

Podemos ver, então, que a comunidade se iniciou muito logo no sofrimento e na perseguição e que, por isso, talvez, ela tenha se colocado perguntas sobre o destino de seus mártires. Daí, pode-se concluir a preocupação de Paulo em instruir convenientemente os tessalonicenses sobre os mortos, “para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança” (4,13). Uma comunidade ainda jovem, já experimentada no sofrimento e na perseguição, precisa, sem dúvida, de ajuda, conselho e reforço. Paulo chega mesmo a dizer que várias vezes (literalmente, uma vez e duas vezes) quisera visitar a comunidade, mas fora impedido por Satanás (2,18), e que, no entanto, ele roga a Deus que lhe seja concedido rever os tessalonicenses e completar o que lhes falta na fé (3,10). Pode-se supor que Paulo quisesse muito logo visitar a comunidade. Mas o capítulo 17 de Atos mostra que, muito logo, os judeus de Beréia iniciaram a perseguição, de modo que ele alcançou Atenas, onde não foi perseguido, mas também não obteve muito sucesso.

Queremos agora percorrer as passagens de 1Ts nas quais se poderia ver que há uma relação interpessoal muito forte e decisiva entre Paulo e a comunidade e que as condições especiais de 1Ts fornecem um dos quadros mais vivos de comunidade neotestamentária.

2. IDEM, *ibid.*, p. 204.

A primeira passagem que nos interessa é 1,2-3:

“<sup>2</sup>Damos graças a Deus por todos vós, sempre que fazemos menção de vós em nossas orações. <sup>3</sup>É que recordamos sem cessar aos olhos de Deus nosso Pai a atividade de vossa fé, o esforço de vossa caridade e a perseverança de vossa esperança em Nosso Senhor Jesus Cristo”.

O texto faz parte da abertura da carta, mais precisamente da ação de graças, comum nas fórmulas epistolares da Antigüidade. Mas o modo de se fazer a abertura nesta carta parece ser muito mais vivo do que em outras saudações iniciais do apóstolo, pois só aqui em 1Ts Paulo menciona a circunstância concreta de sua ação de graças, que não é só algo puramente formal, mas sim algo que se dá sempre que ele menciona os tessalonicenses em suas orações. Essa ação de graças é contínua e se dá na lembrança ou menção (*mnéia*) diante de Deus. Não se trata de dar graças à comunidade, mas a Deus, porque faz parte da teologia paulina que, em última análise, é Deus que atua no processo de conversão<sup>3</sup>. Além disso, a ação de graças tem sua razão nas motivações que vão aparecer no verso seguinte.

O terceiro verso introduz mais detalhes na motivação para a ação de graças. Aqui se pode perceber como, já no primeiro texto do Novo Testamento, a expressão daquilo que a futura teologia chamará de virtudes teológicas adquire toda sua força. Fé, esperança e caridade adquirem estatuto de hábito, ou disposição constante, como a filosofia grega havia ensinado. Notemos que Paulo diz se lembrar sem cessar da obra (*érgon*) da fé da comunidade de Tessalônica. Ainda não temos aquelas formulações teológicas de Rm 3,28 e Gl 2,16 que opõem salvação pelas obras de fé e pela lei. O significado fundamental de *érgon* é o do trabalho ativo e seu resultado. Paulo se recorda também do esforço da caridade dos cristãos de Tessalônica. Notemos que *kópos* tem exatamente o significado de trabalho exaustivo e árduo que envolve suor e fadiga. Trata-se da lembrança do conteúdo mesmo do amor cristão que será desenvolvido em 1Cor 13 e que tem aqui a característica do gastar-se e fatigar-se pelo irmão, como aparecerá em 1Ts 5,12, quando Paulo pede que a comunidade tenha em consideração aquelas que se afadigam por ela. A terceira lembrança de Paulo é a perseverança (melhor tradução seria paciência) da esperança em Nosso Senhor Jesus Cristo. Lembremo-nos que a palavra paciência (*ypomoné*) tem aqui o significado básico de permanecer por debaixo de algo. E isso permite que dirijamos nossas vistas para 1Ts 4,13-18, pois nessa passagem Paulo desenvolve o tema da morte dos cristãos e da vinda do Senhor, para concluir que o conteúdo de v. 13-18 deve servir de discurso de consolação e encorajamento para a comunidade (*paraclesis*). Lembremo-nos ainda que, em outro contexto e com outra finalidade, o Apocalipse desenvolve a ligação entre obras, preocupação e paciência (Ap 2,2). A paciência da esperança se funda em Jesus Cristo e tem uma direção certa que é a presença de Deus nosso Pai.

Para concluir nossa primeira abordagem, podemos ver, pois, como através de uma simples formulação de uma ação de graças, costumeira e quase obrigatória no estilo

3. LAUB, F. *Erster und zweiter Thessalonicherbrief*, p. 16.

epistolar antigo, Paulo dá o tom de quase tudo o que tratará em 1Ts, ao mesmo tempo em que prepara formulações teológicas que serão desenvolvidas em textos posteriores.

Em 1Ts 2,5-12, encontramos outro tipo de texto que mostra muito bem o modo especial com que Paulo se relaciona com a comunidade. Dividimos a passagem em duas:

<sup>5</sup>Eu não me apresentei com adulações nem com secreta ganância. Deus é testemunha. <sup>6</sup>Tampouco procuramos o elogio dos homens, quer vosso, quer de outrem, <sup>7</sup>ainda que nós na qualidade de apóstolos de Cristo pudéssemos fazer valer a nossa autoridade. Pelo contrário, apresentamo-nos no meio de vós cheios de bondade e como uma mãe que acaricia os seus filhinhos. <sup>8</sup>Tanto bem vos queríamos que desejávamos dar-vos não somente o evangelho de Deus, mas até a própria vida, de tanto amor que vos tínhamos.

A passagem aqui citada pertence a uma espécie de *anamnese* das circunstâncias em que a missão em Tessalônica fora realizada, na qual Paulo diz que sua estadia lá não foi inútil (2,1), que ele não quer enganar (2,3) e que não procura agradar aos homens, mas a Deus (2,4). Na verdade, aqui se inicia uma discussão sobre dois modelos de atividade missionária: O de Paulo e o dos filósofos ambulantes de seu tempo. No verso 3, ele já havia falado de seus erros, agora ele fala de sua adulação e de sua falsa ganância. Ao citar a ausência de ganância (*pleonexia*), Paulo abre espaço para um tema central de sua pregação e toda a prática do Novo Testamento. Os pregadores ambulantes dependiam das doações de seus ouvintes. Em 2Cor 7,2.12,16ss, Paulo se defende de ter procedido fraudulentamente, principalmente no que dizia respeito à coleta de Jerusalém. Na linha de 1Sm 12,15 e de Jó 16,19, Paulo chama a Deus por testemunha para provar sua inocência. O testemunho de Deus é ainda invocado para expressar amor à comunidade em Rm 1,9 e Fl 1,8 sempre no contexto de proêmio das cartas. O v. 6 acentua o fato de Paulo não desejar honras dos homens (a Bíblia de Jerusalém traduz *doxa* por elogio). O v. 7 apresenta um pequeno problema de interpretação na medida em que o sujeito da oração está na primeira pessoa do plural e Paulo não usa plural majestático ao colocar a palavra apóstolo no plural. Seria isso um indicativo de que Paulo está acentuando, muito mais que sua pessoa, a dupla de missionários que esteve em Tessalônica? Por outro lado, quando toda a terminologia de Paulo estiver mais determinada, apóstolo será aquele que, na linha de 1Cor, encontrou-se com o Ressuscitado. Devemos também prestar atenção à palavra apóstolo que, de participio de um verbo, se torna, em Paulo, termo técnico, antes de todas as formulações dos evangelhos, que ocorrerão sobretudo em Lucas. Paulo diz pois que, por causa da autoridade dos apóstolos, eles (Paulo, em particular) poderiam fazer valer sua autoridade (literalmente apresentar-se com peso). Essa manifestação de um peso pode deixar antever a noção hebraica de *kabod* como indicativa de glória, peso, senhorio etc., que valem em primeiro lugar a Deus<sup>4</sup>. Ao contrário dessa perspectiva, Paulo diz ter se apresentado cheio de bondade (melhor tradução, cheio de ternura), como uma mãe (melhor tradução, uma ama de leite) que acaricia seus filhinhos. Notemos que nesse verso aparecem duas facetas importantes do apóstolo. Em primeiro lugar o seu peso, sua autoridade de

4. HAHN, E. *Der erste Brief an die Thessalonicher*, p. 33.

apóstolo e, em segundo lugar, a ternura para com a comunidade expressa na metáfora da ama ou da mãe de leite. Trata-se de acentuar o caráter de autoridade e de serviço. A imagem da ama que amamenta os filhos é muito rica para mostrar o carinho especial que Paulo tem pela comunidade. Isso aparecerá em 1Cor 3,1-2: “Falei-vos como a criancinhas, dei-vos a beber leite, não alimento sólido”, ou 1Cor 4,14-15 em que Paulo diz que quer admoestar aos coríntios como a filhos muito amados, pois ele se sente pai da comunidade por a ter gerado. Em Gl 4,18 a expressão de ternura é ainda mais forte, pois Paulo diz que ele sofre dores do parto, “até que o Cristo seja formado em vós!” No v. 8 podemos ver como o sentimento de Paulo se extravasa. Ele tem um tal sentimento de afeição, que estaria propenso, de boa vontade, a compartilhar com os tessalonicenses não só o Evangelho como sua própria vida. Com essa expressão podemos ver uma espécie de gradação do amor da ama de leite que não só acaricia, mas dá à criança o participar da vida (*psyche*). Essa participação na própria vida de Paulo significa aqui participação no próprio Evangelho, pois sua existência é impregnada pelo Evangelho<sup>5</sup>.

No segundo momento de nosso texto, procuremos agora em 2,9-12 um pouco mais de fundamentação para a temática da relação de Paulo com a comunidade de Tessalônica:

<sup>9</sup>Ainda vos lembrais, meus irmãos, dos nossos trabalhos e fadigas. Trabalhamos dia e noite para não sermos pesados a nenhum de vós. Foi assim que pregamos o Evangelho de Deus. <sup>10</sup>Vós sois testemunhas, e Deus também o é, de quão puro, justo e irrepreensível tem sido nosso modo de proceder para convosco, os fiéis. <sup>11</sup>Bem sabeis que exortamos a cada um de vós como um pai a seus filhos; <sup>12</sup>nós vos exortávamos, vos encorajávamos e vos conjurávamos a viver de maneira digna de Deus que vos chama a seu reino e à sua glória.

Começamos pois a investigar essas belas palavras dirigidas à comunidade de Tessalônica. Em primeiro lugar, Paulo faz alusão aos trabalhos e fadigas usando a primeira pessoa do plural. A alusão toma a forma de um convite à lembrança da pessoa do apóstolo. Um tema muito caro a Paulo que aparece em 1Cor 4,11b-12a quando diz que “somos maltratados, não temos morada certa, fatigamo-nos e trabalhamos com nossas mãos” ou 2 Cor 11,7-9:

Terá sido falta minha anunciar-vos gratuitamente o Evangelho de Deus, humilhando-me a mim mesmo para vos exaltar? Despojei outras igrejas, delas recebendo salário, a fim de vos servir. E quando entre vós sofri necessidade, a ninguém fui pesado, pois os irmãos da Macedônia supriram minha penúria; em tudo evitei ser-vos pesado e continuarei a evitá-lo.

Paulo insistia na gratuidade de seu trabalho, embora conforme 2Cor 9,7-9 insista que o pregador tem direito ao seu sustento. A palavra trabalho aqui empregada (*kópos*) refere-se a trabalho exaustivo e esforço que aparece em 1Ts 1,3 na expressão “esforço de vossa caridade”. A palavra fadiga (*móchthos*) indica aqui os problemas e dores causados pelo trabalho árduo. Esse vocabulário implica a realidade dura do trabalho que

5. LAUB, F. *op. cit.*, p. 20.

aparece também no propósito ou causa final do trabalho de Paulo dia e noite que consistia em não ser pesado. A expressão significa ainda colocar um fardo sobre alguém, colocar peso sobre, ser pesado a alguém, fazer exigências<sup>6</sup>. Nesse contexto, Paulo e Silas anunciam o Evangelho de Deus. Notemos que, nessa expressão, podemos ver uma certa oscilação na noção de Evangelho. Não está ainda fixado o gênero literário evangelho e Paulo usa a expressão “Evangelho de Deus”. Talvez pudéssemos dizer que, aqui, ela se refere precipuamente ao significado literal da palavra do mesmo modo que em 2,8 “decidimos anunciar-vos o Evangelho de Deus” e em 1,4, ao contrário, o Evangelho é “nosso Evangelho”.

O v. 10 apela para o testemunho dos tessalonicenses e de Deus sobre o modo de Paulo proceder diante da comunidade. Esse modo é chamado de puro, mas a melhor tradução é santamente ou piamente, como aparece na metáfora da medida do homem perfeito de Ef 4,25, justo e irrepreensível. Com isso, podemos suspeitar que a atividade de Paulo estaria sendo questionada. Se nos perguntarmos pelos dois outros adjetivos, veremos que faz parte da teologia de Paulo que ninguém é justo diante de Deus (Rm 3,10-20), que só quando a justiça de Deus opera é que nos tornamos justos (Rm 3,24). Ele é que predestina, chama, justifica e glorifica (8,33), chama ao serviço da justiça (Rm 6,19). Já o adjetivo irrepreensível indica em Fl 3,6 a completa identidade entre a vida e norma de vida que Paulo aduz para si em sua conduta no judaísmo. Para concluir o v. 10, Paulo coloca o destino final da relação pia, pura e irrepreensível, os fiéis ou os crentes.

O v. 11 traz novos elementos que indicam a ternura de Paulo para com a comunidade de Tessalônica. Agora, o ponto de comparação é o amor paterno, diferentemente do v. 7 em que se dizia que Paulo se apresentava como uma ama que acaricia os próprios filhos. Aqui podemos dizer que Paulo reinterpreta a relação de parentesco espiritual que se criava entre o rabino e o discípulo. É importante que se veja que várias vezes Paulo faz alusão a essa relação de paternidade, pois aos coríntios ele fala como a crianças em Cristo (1Cor 3,1), como a filhos bem amados aos quais ele admoesta, pois ele os gerara em Cristo (1Cor 4,14-15). Paulo gera Onésimo na prisão (Fm 10). Deve-se notar ainda que no caso da relação aqui analisada de Paulo com a comunidade de Tessalônica não se trata de uma declaração geral, mas de uma declaração que evoca no texto a relação para com cada um. Independentemente da possibilidade concreta ou não dessa relação pessoal com cada um, podemos dizer que ela expressa uma relação de ternura na qual cada um se sente amado.

O v. 12 detalha ainda mais a tarefa de Paulo diante da comunidade que se traduz em exortar, encorajar e conjurar no sentido de convocar solenemente. Notemos que todos esses verbos exigem um complemento, pois a preposição ‘a’ é exigida de todos eles para que a frase tenha sentido e isso aparece no texto que diz: a viver (literalmente caminhar – *peripatein*) “de maneira digna de Deus que vos chama ao seu Reino e à sua glória”. A propósito dessa maneira digna de viver ou de andar podemos ver que em Ef 4,1b o apelo é para a vocação a que os efésios foram chamados. Podemos ver pois que

6. RIENECKER, F. e ROGERS, C. *Chave lingüística do Novo Testamento Grego*, p. 438.

Paulo tem uma preocupação pastoral, pois exortar, encorajar e conjurar são verbos que pressupõem uma presença ativa, um trabalho especial da parte daquele que faz a ação. O v. 12 tem ainda outro ponto que muito de perto nos interessa, que é a alusão ao chamado ao reino e à glória de Deus. Novamente, deparamo-nos aqui com palavras que terão um significado teológico bem preciso quando os evangelhos estiverem prontos. O tema do reinado de Deus, decisivo para a compreensão do anúncio dos evangelhos, tem em Paulo outras nuances, pois em 1 Cor 6,9-20 ele aparece no contexto de algo que se herda quando se leva uma vida regrada. O outro tema que aparece aqui como destino da vida digna é a glória de Deus. Esta era uma realidade com grande peso teológico no Antigo Testamento e Paulo não deixa de usar a expressão de acordo com a terminologia vétero-testamentária. Em Rm 5,2 ele diz que nos gloriamos na esperança da glória. Em Rm 8,18 os sofrimentos do tempo presente não se comparam com a glória que se revelará em nós e em 2Cor 3,18 diz-se que nós, que refletimos num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, para em 2Cor 4,6 se dizer que Deus reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus.

O passo que agora queremos dar consistirá em analisar uma passagem na qual se pode constatar, de novo, o afeto e a ternura de Paulo pelos tessalonicenses:

<sup>17</sup>Nós porém, irmãos, privados por um momento de vossa companhia, não de coração, mas só de vista, desejamos muito vos rever. <sup>18</sup>Quisemos ir visitar-vos – eu mesmo quis fazê-lo muitas vezes – mas Satanás me impediu. <sup>19</sup>Pois quem é, senão vós, a nossa esperança, a nossa alegria, a coroa de glória, diante do Senhor Jesus no dia de sua vinda? <sup>20</sup>Sim, sois vós a nossa glória e a alegria nossa.

É muito importante que liguemos este texto ao que já fora expresso em 2,7 e 2,11. Paulo se dirigia à comunidade como ama de leite e como pai; soubera que a comunidade teve que sofrer por parte dos judeus. Paulo não fala dos tessalonicenses que se tornaram órfãos espirituais dele, mas fala do pai do qual os filhos foram tirados temporariamente. Essa privação expressa pelo verbo *aporphanízomai* que, na voz passiva empregada no texto, significa tornar-se órfão por uma ação violenta e no tempo passado, próprio da língua grega, que se chama *aoristo*, indica uma ação que se realiza uma só vez. A separação é tida como realizada por pouco tempo (literalmente pelo tempo de uma hora) e ela não indica uma separação de coração que é na Bíblia o centro de atividades da pessoa e, por isso, do amor, mas indica uma separação de rosto, daquilo que é exterior. Lembremo-nos que *prósopon* significa também pessoa no seu relacionamento com o exterior. Temos passagens paulinas que nos mostram como ele reza pela comunidade e em especial pela comunidade de Tessalônica, como em 1,2 ele dá graças a Deus pelos tessalonicenses sempre que faz menção deles em suas orações, ou em 2,13 quando ele diz agradecer a Deus pelo fato de os tessalonicenses terem acolhido a Palavra. É interessante que vejamos também que o tempo que se seguiu à estadia e à fundação da comunidade de Tessalônica foi, se seguirmos o roteiro dos Atos dos Apóstolos, um tempo de grande sofrimento para Paulo em sua viagem missionária européia. Então, Paulo chama a atenção para essa recíproca dependência entre a comunidade e

ele<sup>7</sup>. Por isso, ele não fala simplesmente que quer ver a comunidade, mas que se esforça com empenho para isso. O que temos então aqui é um abrir-se do coração de Paulo em relação à comunidade que, no v. 18, será expresso pelo desejo de viagem impedido por Satanás. É muito difícil precisar a verdadeira função de Satanás neste texto, mas podemos dizer que Paulo, com frequência, faz alusão às dificuldades de realização de seus planos de viagem, como, por exemplo, em Rm 1,22 e 15,22, sem citar, no entanto, Satanás como causa. Paulo poderia ter sido impedido por problemas advindos de Tessalônica ou de Corinto. Aqui podemos ver o entendimento geral que a Bíblia tem de Satanás, como o acusador e o dificultador. O que está em jogo aqui é uma viagem adiada que proporcionou a Paulo mandar Timóteo a Tessalônica (3,7) e após a volta dessa viagem é que Paulo escreve a carta, primeiro texto escrito do Novo Testamento. A interdependência de Paulo com sua comunidade tem, de acordo com o v. 19, uma fundamentação escatológica<sup>8</sup>. Com uma pergunta retórica, Paulo expressa que o que a comunidade representa para ele não se resume ao tempo da fundação, nem ao tempo em que a carta é escrita, mas tem um aporte todo escatológico. Paulo não abandona a comunidade e expressa seu amor por ela, porque ele projeta nela o acontecimento da vinda (*parousía*). Esse acontecimento acaba sendo um *leitmotiv* em toda a teologia paulina. E 1Ts se preocupa exatamente em esclarecer existencialmente a questão da vinda do Senhor. Nessa perspectiva que transcende a história, mas que as comunidades paulinas ainda não puderam resolver totalmente, pois a parusia é sempre um horizonte sempre presente no paulinismo autêntico, Paulo dá três indicações de sua ligação com a comunidade: a esperança, a alegria e a coroa de glória diante do Senhor Jesus no dia de sua vinda. E isso ele o faz com um recurso retórico de uma frase interrogativa, cuja resposta será o v. 20. Vale a pena considerarmos a afirmação sobre o conteúdo da esperança de Paulo. Se olharmos 1Ts, em 1,3 a esperança perseverante é nosso Senhor Jesus Cristo da qual Paulo se recorda constantemente. Em 5,8 a esperança é da salvação. Já em outros textos, vemos que Gl 5,5 diz que nós aguardamos a esperança da justiça que vem da fé. A alegria de que o verso fala aparece sobretudo em Fl 4,4-5 como convite à alegria, pois o Senhor está próximo. Se nos perguntarmos agora pela coroa de glória que os tessalonicenses representam para Paulo, podemos ver que em 2Cor 1,14 o pensamento tem a mesma estrutura de 1Ts quando se diz que Paulo e a comunidade de Corinto são, reciprocamente, motivo de glória no dia do Senhor Jesus. Em Fl 2,16, novamente na perspectiva do dia do Senhor, Paulo diz esperar ter a glória de não ter corrido nem se esforçado em vão pelos filipenses. Não se trata de glorificação individual de Paulo, mas sim da vida da comunidade. Acontece que Paulo quer apresentar a comunidade no dia do Senhor vivendo de modo irrepreensível. E isso não é resultado só de seu trabalho missionário, mas é também resultado da firmeza da fé dos tessalonicenses e de sua conversão que impressionou as comunidades da Macedônia e da Acaia (1,3.6-10). Podemos dizer pois que, antecipando o desenvolvimento do grande tema

7. LAUB, F. *op. cit.*, p. 23.

8. IDEM, *ibid.*



da escatologia de 1Ts, Paulo confessa, respondendo à questão por ele colocada, que os tessalonicenses são sua glória e sua alegria.

Para concluir, temos que reafirmar mais uma vez o caráter inaugural de 1Ts que se revela não só como o primeiro texto do Novo Testamento, mas também como o primeiro indicativo de como deve ser uma comunidade em sua relação recíproca e em sua relação com aquele que a fundou. Paulo tem uma relação especial para com essa comunidade, recorda-se constantemente dela, elogia-a pela presteza de sua conversão e pelo testemunho dado em toda a Macedônia e na Acaia. A leitura de 1Ts revela-nos que algo na comunidade calou profundamente no coração de Paulo e, por isso, as expressões de ternura, por mais difíceis de ser interpretadas e compreendidas que possam ser, indicam que algo de humano está ocorrendo na relação de Paulo com a comunidade, pois encontramos no texto indicações de amor de mãe, de pai, de quem está disposto a oferecer o Evangelho e a própria vida. A relação de Paulo com Tessalônica reforça a figura do missionário e apóstolo e aponta para o horizonte da parusia do Senhor, no qual se desvelará que a comunidade é para Paulo esperança, alegria e coroa de glória. Nessa perspectiva, pois, de profunda simpatia e ternura, a comunidade de Tessalônica poderá ser suficientemente instruída nas coisas relativas à vinda do Senhor, pois tanto ela como Paulo conservam um certo vigor de juventude que faz com que acreditem no mais humano dos gestos, condição básica para a vida cristã e para a crença na parusia que oscila entre o já e o ainda não.

## **Bibliografia**

- FRIEDRICH, Gerhard. *Der erste Brief na die Thessalonicher*, 15<sup>a</sup> ed. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1981 (Neues Testament Deutsch, 8).
- HAHN, Eberhard. *Der erste und der zweite Thessalonicherbrief*, 2<sup>a</sup> ed. Holzgerlingen: Hänssler Verlag, 2000.
- LAUB, Franz. *Erster und zweiter Thessalonicherbrief*. Würzburg: Echter Verlag, 1985.
- RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. *Chave lingüística do Novo Testamento grego*. Tradução de Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero, São Paulo: Sociedade Religiosa. Edições Nova Vida, 1985.

Jordino Marques  
Rua 21, 445, ap. 202  
Centro  
Goiânia – GO  
74030-070  
jordino@zaz.com.br